
Diagnóstico inicial para uma proposta formativa: o que pensam as professoras sobre a interface entre sexualidade e saúde?

Machado de Souza, La s¹ & Lopes de Souza, Marcos²

Categoria: Trabalhos de investiga o (em processo ou concluídos).

Resumo

Este estudo   um diagnóstico inicial de uma investiga o, em andamento, cujo propósito foi identificar e analisar os discursos iniciais sobre a interface entre sexualidade e saúde construídos por professoras que atuam na disciplina Educa o para a Sexualidade em uma escola do interior baiano no Brasil. Nesse diagnóstico foi utilizada a entrevista coletiva na forma de uma dinâmica denominada "caixa de autoconhecimento". As análises denotam a presença de um discurso medicalizador sobre a sexualidade. Contudo, foi possível vislumbrar em suas falas um conceito ampliado de saúde que tem levado a uma nova compreensão da educa o para sexualidade tendo em vista os aspectos socioculturais envolvidos nos modos como os/as estudantes vivenciam suas sexualidades, trazendo novas possibilidades da abordagem destas questões na escola.

Palavras-chaves: Educa o para a sexualidade, saúde e forma o docente.

Introdu o

A educa o para a sexualidade que está pautada nas questões de saúde, especialmente, nas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidez na adolescência,   fruto de uma constru o social da sexualidade que, de acordo com Foucault (1988) foi e continua sendo constituída a partir de múltiplos discursos reguladores, normatizadores e produtores de "verdades". Partindo dessa premissa, consideramos relevante que essa associa o entre sexualidade e saúde abordada na escola seja problematizada   luz de um referencial sociocultural pertinente. Assim, buscamos nesse trabalho responder ao seguinte

¹ Mestranda do Programa de Pós-Gradua o em Educa o Científica e Forma o de Professores (PPGECFP) do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequi . laimachado18@hotmail.com.

² Professor Doutor do Programa de PPGECFP do DCB da UESB, campus de Jequi . markuslopesouza@gmail.com.

problema de pesquisa: Que discursos iniciais sobre sexualidade e saúde são construídos por professoras participantes de uma proposta formativa na área? O objetivo geral dessa investigação foi identificar e analisar os discursos iniciais sobre a interface sexualidade e saúde de professoras da disciplina de Educação para a Sexualidade de uma escola da rede municipal de educação no interior da Bahia-Brasil.

Marco teórico

Para Foucault (1988), o século XVIII foi marcado pela instituição do que denominou de “ciência da sexualidade”, na qual o corpo passou a ser o elemento central das relações de poder, uma vez que a ele foi atribuído grande valor enquanto objeto de saber. Nesse sentido, o corpo passou a ser concebido para ser cuidado e protegido dos perigos. A exigência da normalidade sexual, o problema da vida e da doença, tudo se encontrava sob o domínio da instituição médica que se intensifica ainda mais por volta do século XIX. O surgimento e disseminação da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) no século XX também impactaram os discursos sobre a relação entre sexualidade e saúde.

De acordo com César (2009), a ênfase da educação para a sexualidade na escola atual está intimamente relacionada à essas questões e é reflexo da preocupação dessas instituições, a partir do ano de 1990, com a epidemia de HIV/AIDS e dos altos índices de gravidez na adolescência. Contudo, Meyer & Dornelles (2013, p. 38) advertem que

...tratar da sexualidade e, dentro dela, da prevenção de gravidez e de DST, considerando-as como conteúdos técnico-pedagógicos e não como questões socioculturais, continua impedindo que os processos educativos que focalizam a temática da sexualidade explorem mais as implicações dessa redução sobre as escolhas (ou falta de escolhas) de crianças, jovens e adultos/as com os/as quais se trabalha.

Portanto, se a abordagem reducionista não dá conta de uma educação com resultados significativos em relação à saúde sexual dos/as estudantes, César (2009, p. 49) defende que trabalhar com educação para a sexualidade então, desafia o/a professor/a a “adentrar numa nova lógica do (des)conhecer”; processo pelo qual a normalidade das práticas e discursos sexuais, bem como, seu foco reducionista, devem ser confrontados. Esse processo implica em uma mudança de paradigmas, cujo processo formativo continuado pode contribuir.

Metodologia

Este estudo foi desenvolvido com um grupo de três professoras ministrantes da disciplina Educação para Sexualidade ofertada para os/as estudantes dos anos finais do ensino fundamental em escolas da rede municipal no interior da Bahia-Brasil. Para a realização da investigação foram elaborados momentos formativos utilizando-se de materiais educativos durante o primeiro semestre de 2016 nos horários destinados ao trabalho pedagógico das docentes.

O primeiro desses encontros formativos buscou investigar as concepções iniciais dessas professoras em relação à interface entre sexualidade e saúde. Para tanto foi utilizada entrevista coletiva realizada na forma de uma dinâmica denominada “caixa de autoconhecimento”. A dinâmica consistiu em diversos questionamentos sobre os temas escritos em tiras de papéis dobrados e dispostos em uma pequena caixa. Cada professora sorteava uma questão a cada rodada e respondia a pergunta. Os questionamentos foram elaborados na primeira pessoa do singular configurando-se como uma autoentrevista com planejamento aberto, já que, as questões poderiam ser complementadas ou reestruturadas durante a realização da dinâmica. Flick (2009) justifica o uso da entrevista aberta nas pesquisas qualitativas devido à expectativa de que esta leve os/as entrevistados/as a expressarem melhor os seus pontos de vista.

Os dados construídos nessa etapa foram sistematizados e analisados com base em Foucault (1996) utilizando-se do discurso como veiculador, produtor e reproduzidor de poderes, em especial, na área de sexualidade.

Resultados

As três professoras desta investigação são referidas aqui pelos nomes fictícios de deusas associadas ao amor, prazer/erotismo, beleza e fertilidade em diferentes culturas: Afrodite, a deusa grega; Vênus, a deusa romana e Innana, a deusa suméria. Elas têm, respectivamente, 14, 20 e 14 anos de tempo de formadas no nível superior e 10, 5 e 2 anos de atuação na disciplina de Educação para a sexualidade na escola em questão. Afrodite é licenciada em Ciências com habilitação em Biologia; Vênus é licenciada em Biologia e Innana em Ciências, mas com habilitação em Química.

Quanto aos motivos de lecionarem a disciplina, Afrodite relatou ser apenas por afinidade, enquanto para Vênus e Innana foi por serem da área de Ciências e Biologia, pois ainda se entende que docentes desta área são os/as mais

indicados/as para trabalhar com a disciplina, o que já foi apontado em outros trabalhos como o de Furlani (2008).

As relações que as três estabelecem entre sexualidade e saúde são apresentadas e discutidas nas categorias a seguir.

Com a fala as professoras: produções discursivas sobre a interface sexualidade e saúde

Para Innana e Afrodite, educar para a sexualidade é educar para o cuidado com o corpo, não só na perspectiva das doenças sexualmente transmissíveis, mas também em relação aos padrões higiênicos. Este discurso é um resquício do perfil da educação para a sexualidade no Brasil por volta do início do século XX, em que o Estado e os médicos brasileiros buscavam, baseados em princípios da medicina européia, manter o sexo limpo; cujos ideais também foram incorporados pelas primeiras práticas educacionais da sexualidade na escola (César, 2009). Podemos observar tanto uma quanto outra abordagem nesse trecho da fala de Afrodite:

Eu falo muito sobre a questão de você respeitar o seu corpo, da saúde, de ter o sexo com segurança, se é que é possível ter o sexo seguro, né? Aí eu falo com elas essas questões e da própria higiene que deve ter com as roupas íntimas porque tem doenças que a pessoa pensa que só é através do sexo, mas tem doenças que a pessoa pega por falta de higiene também. (Afrodite)

Da mesma forma, a associação entre sexualidade e perigo, do ponto de vista patológico, é também evidenciado na continuidade da fala de Innana:

[...] saber que o ato sexual sem prevenção envolve riscos, saber que a mulher assim como o homem deve fazer exames. (Innana)

Apesar de considerar importante que ao se falar sobre sexualidade, mencione-se sobre os riscos do ato sexual desprotegido e da necessidade da realização de exames, é interessante problematizar a informação como elemento suficiente para essa abordagem. Tal discurso pode desconsiderar os diferentes tipos de vulnerabilidades a que estão expostos/as os/as adolescentes e jovens. Meyer, Klein & Andrade (2007) defendem que confrontar essa realidade é necessário, uma vez que, essa abordagem restrita, normatizadora e desarticulada acaba por ser um elemento de contribuição para a vulnerabilidade dos/as estudantes.

Uma possível saída para a essa cilada poderia estar na fala de Vênus para quem educar para a sexualidade seria “educar para vida”. Ao assumir essa perspectiva educacional, a preocupação central deixa de ser meramente o saber correto e a postura individual, englobando a multiplicidade de fatores que incidem sobre tal postura, que Ayres, França-Junior, Calazans & Salleti Filho (2009) chamam de componentes integrais da vulnerabilidade: o individual, o social e o institucional.

Apesar de os principais temas que surgiram nas falas das professoras estarem relacionados às questões de saúde, em certos momentos vislumbramos nessas falas novas perspectivas. A própria compreensão delas sobre o conceito atual ampliado de saúde tem impacto sobre essa nova forma de compreender a educação para sexualidade:

Então, quando você fala, por exemplo, do prazer você está falando de educação sexual, mas você não está se referindo a algo específico da saúde; mas a partir do momento em que você tem a noção de saúde como bem estar físico e psicológico do ser humano, aí você cai no conceito de saúde porque se a pessoa não está bem física e emocionalmente, ela não vai se sentir bem com sua sexualidade (Innana).

A fala de Innana nos remete ao conceito da Organização Mundial de Saúde (OMS) que tem a saúde como “um completo estado de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”. Embora alguns estudiosos tenham críticas ao caráter utópico desse conceito, a compreensão dele no contexto da educação para a sexualidade representa avanço significativo no que diz respeito à adoção de concepções e práticas educativas para além do sentido biológico se aproximando de uma perspectiva sociocultural. Afrodite e Vênus reiteram essa compreensão em suas falas:

Pra mim, é também educar para a saúde; A saúde afetiva, saúde sexual, a saúde social [...] (Afrodite).

É uma educação para a afetividade, principalmente [...] (Vênus).

Contudo, é importante atentarmos para o risco dessa nova perspectiva da interface entre sexualidade e saúde ser utilizada “para legitimar estratégias de controle e de exclusão do que consideramos como indesejável e perigoso” (Caponi, 1997, p. 4), ou seja, excluir o que não faz parte da norma considerada saudável culminando em possíveis patologizações de determinadas formas de viver e expressar a sexualidade.

Conclusões

As primeiras análises deste trabalho nos permitem inferir que nos discursos iniciais das professoras sobre a interface entre sexualidade e saúde ainda   muito significativa a visão biomédica da sexualidade voltada, prioritariamente, para a abordagem preventiva das DSTs/AIDS e gravidez na adolescência e centrando-se nos ditos comportamentos de risco e na responsabiliza o única do/a indivíduo/a diante de sua saúde sexual. Entretanto, foi possível vislumbrar nas falas das professoras um conceito ampliado de saúde trazendo novas possibilidades em rela o   abordagem da sexualidade na escola.

Referências

- Ayres, J. R. C. M, França-Junior, I., Calazans, G. J. & Salleti Filho, H. C. (2009). O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, D. & Freitas, C. M. (org.). *Promo o da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Caponi, S. A. (1997). *Proposito del concepto de salud*. Florianópolis: UFSC.
- Cesar, M. R. de A. (2009). *G nero, sexualidade e educa o: notas para uma "Epistemologia"*. *Educar*, (35), 37-51.
- Flick, W. (2009). *Introdu o   pesquisa qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: a vontade de saber*. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do Discurso*. 2 ed. São Paulo: Loyola.
- Furlani, J. (2008). Representa es de g nero e sexualidade nos livros didáticos e paradidáticos. Salto para o Futuro. *Educa o para a igualdade de g nero*. 18(26), 39-46.
- Meyer, E. D. & Dornelles, P. G. (2013). Corpo, g nero e sexualidade na escola: cenas contemporâneas, políticas emergentes e teorias potenciais. In: Givigi, A. C. N. & Dornelles, P. G. (org.). *O recôncavo baiano sai do armário: universidade, g nero e sexualidade*. Cruz das Almas-BA: UFRB.
- Meyer, D. E. E., Klein, C. & Andrade, S. S. (2007). Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: Implica es educativas. *Educa o em Revista*, (46), 219-239. Organización Mundial de la Salud. (1976). Documentos básicos. 26 ed. Ginebra: OMS.